

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

OS DESAFIOS E DILEMAS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNESP DE RIO  
CLARO

Samanta Regina da Silva Andrade

Prof(a).Dr(a). Maria Antonia Ramos de Azevedo

Rio Claro (SP)

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Câmpus de Rio Claro

---

***SAMANTA REGINA DA SILVA ANDRADE***

OS DESAFIOS E DILEMAS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA  
NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNESP DE RIO CLARO

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

---

***Rio Claro - SP***

2013

**SAMANTA REGINA DA SILVA ANDRADE**

---

## OS DESAFIOS E DILEMAS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNESP DE RIO CLARO

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

\_\_\_\_\_ (orientador)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Rio Claro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do (a) aluno (a)

assinatura do(a) orientador(a)

*DEDICO ESTE TRABALHO AOS MEUS PAIS MÁRCIA E  
DORIVAL, E TAMBÉM AOS MEUS IRMÃOS LUCAS E RAFAEL.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida...

Aos meus pais, que me ensinaram a lutar pelos meus objetivos com dignidade.

Aos meus irmãos amados Rafael, Bianca e Lucas, por sempre confiarem em mim.

A querida prof<sup>a</sup> Maria Antonia, que acreditou no meu trabalho, dando seu apoio incondicional, estando ao meu lado nos bons e nos maus momentos.

Aos amigos, que sempre me incentivaram Raul, Leandro, Marcela, Magali. E todos os outros que contribuíram de alguma forma para este trabalho.

## **Resumo**

A temática acerca da formação dos professores universitários vem pontuando a necessidade de maiores reflexões e estudos sobre a importância dos processos formativos dos professores que hoje atuam, também, no ensino superior. O presente trabalho visou, então, estudar os processos formativos de alguns professores do Curso de Geografia na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" campus de Rio Claro propondo encaminhamentos teóricos metodológicos sobre o fazer docente do professor na área de Geografia. Para isso, tivemos o acompanhamento de alguns professores nas atividades docentes, entrevistas semi estruturadas e questionário com esses professores da graduação. A ideia foi tentar realizar uma elaboração conjunta de possíveis encaminhamentos teórico-metodológicos a partir dos desafios e dilemas do exercício da docência identificados durante a pesquisa no ensino superior, contribuindo, assim, com a busca pela qualificação do ensino no contexto universitário.

**Palavras - chave:** Ensino Superior. Docência. Formação de Professores.

## **Abstract**

The issue about the vocational training of university teachers points the needing for further studies and reflections on the importance of the formative processes of teachers who currently work also in higher education. The present work intended to study the vocational training processes of some teachers of Geography Course at the University Estadual Paulista " Júlio de Mesquita Filho " Rio Claro campus proposing methodological theoretical referrals about doing teaching in Geography area. Therefore, we made semi-structured interviews and questionnaires with teachers who followed us with the teaching activities. The purpose was trying to prepare a methodological referral from the challenges challenges and dilemmas of the practice of teaching identified during research, contributing for the qualifications of qualifications of higher teaching.

**Keywords** - Higher Education. Teaching. Teacher Training.

## SUMÁRIO

Resumo

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 DISCUSSÕES DO TEMA</b>	<b>11</b>
2.1 O Exercício da Docência	11
2.2 A Complexidade do Contexto Universitário	15
2.3 Breve Panorama do Curso de Geografia da UNESP de Rio Claro	17
2.4 O Ensino de Geografia na UNESP/ Rio Claro: Uma Breve Análise do Projeto Político Pedagógico	18
<b>3 OS SABERES DA DOCÊNCIA</b>	<b>23</b>
<b>4 PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO</b>	<b>27</b>
4.1 Observações de Campo	28
4.2 Entrevistas	31
<b>5 REFLEXÕES TEÓRICAS E O OLHAR DOS PROFESSORES ACERCA DO TRABALHO DOCENTE</b>	<b>37</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES</b>	<b>40</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>



## SUMÁRIO

Resumo

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 DISCUSSÕES DO TEMA</b>	<b>11</b>
<b>2.1 O Exercício da Docência</b>	<b>11</b>
<b>2.2 A Complexidade do Contexto Universitário</b>	<b>15</b>
<b>2.3 Breve Panorama do Curso de Geografia da UNESP de Rio Claro</b>	<b>17</b>
<b>2.4 O Ensino de Geografia na UNESP/ Rio Claro: Uma Breve Análise do Projeto Político Pedagógico</b>	<b>18</b>
<b>3 OS SABERES DA DOCÊNCIA</b>	<b>23</b>
<b>4 PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO</b>	<b>27</b>
<b>4.1 Observações de Campo</b>	<b>28</b>
<b>4.2 Entrevistas</b>	<b>31</b>
<b>5 REFLEXÕES TEÓRICAS E O OLHAR DOS PROFESSORES ACERCA DO TRABALHO DOCENTE</b>	<b>37</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES</b>	<b>40</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O debate a respeito das políticas públicas educacionais no ensino superior faz-se de extrema importância principalmente nas últimas décadas, onde observamos a transformação da universidade pública, que durante muito tempo firmou como o espaço da legitimação do saber, definindo-se como uma organização social, um lugar que como afirma Chauí (p1, 2003) “exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo”. As transformações sofridas na sociedade ao longo do tempo refletem de maneira direta na estrutura da universidade formando-se, assim novos paradigmas, necessitando de uma análise mais crítica sobre o ensino superior.

Neste contexto de mudanças de paradigmas dentro da concepção do ensino, preocupa-se em entender de que forma o conhecimento está sendo concebido dentro da universidade, já que a formação de novos profissionais e a qualidade com que eles atuarão estão intrinsecamente ligadas com a maneira em que ocorrem os processos de formação.

Vivemos em um mundo submetido à lógica de mercado. Grande parte da responsabilidade do Estado foi transferida para a esfera dos serviços, obedecendo à política neoliberal implantada a partir de 1990 no Brasil. A saúde, a educação tanto básica como superior, transformaram-se em mercadorias. Todas as escalas de produção da sociedade fragmentaram-se para que as expectativas do capital fossem atendidas. Presenciamos uma sociedade móvel e instável pautada em ações imediatistas, uma sociedade da informação e do consumo. O grande avanço das tecnologias da informação proporciona uma rapidez na produção em geral e na mobilidade de produtos e informações, tornando cada vez mais volátil a vida social.

Essas transformações também estão presentes no cotidiano da universidade desenvolvendo o que Chauí (2003) chama de universidade operacional que, assim, como as demais vertentes da sociedade acaba, também, servindo a lógica do mercado, deixando de lado a formação intelectual, humana, social, histórica, cultural para um tecnicismo que atenda as exigências do mundo globalizado. Focado na alta

produtividade para obtenção de maiores lucros, que é característica fundamental da economia capitalista.

Quando analisamos o ensino superior, ainda no século XXI, percebemos que a concepção de ensinar continua fortemente ligada com a ideia de transmitir informações, pautando a ação profissional do professor numa perspectiva conteudista e altamente mecanicista.

Ao partirmos da concepção de que ensinar envolve um rol de habilidades, e que a docência é uma atividade complexa, como afirma Cunha e Azevedo (2004) onde não bastam apenas que os professores dominem os saberes da pesquisa (apesar de que nas universidades as políticas institucionais vêm apontando que os bons pesquisadores com ampla produção científica são os melhores profissionais numa lógica perversa e neoliberal pautada na produtividade, eficácia e eficiência) desconsiderando por completo outros igualmente importantes saberes profissionais destes professores ao atuarem com o ensino, a extensão e a gestão universitária.

Pautamos os nossos estudos dentro dos principais conceitos de pedagogia universitária, que entende a docência como uma profissão cheia de desafios que precisam ser tratados com uma postura crítica e reflexiva, e que um ensino de qualidade remete a uma teoria condizente com a prática - a de ir além dos discursos demagogos e prolixos. Onde o conhecimento é um processo que englobam mais que apenas os saberes científicos.

Para justificarmos os nossos estudos defendemos a ideia proposta por Cunha (2004, p 533) que afirma:

Somente a pesquisa poderá constituir-se como base para compreensão da docência universitária e da produção do conhecimento que sejam fontes de novos saberes. Neste contexto é importante um destaque para os estudos que procuram acompanhar e compreender como vêm sendo gestados, numa perspectiva sócio - antropológica, as experiências acadêmicas que são portadoras de inovações paradigmáticas no campo da pedagogia universitária. E, certamente, trocas de experiências são de grande valia pela socialização de conhecimentos que propiciam e pelas possibilidades de articulação que fomentam (p 533).

Pensando nas problemáticas do ensino superior da atualidade, propusemos um trabalho voltado para análise dos desafios e dilemas que os professores universitários têm vivenciado no exercício da docência no curso de Geografia da UNESP de Rio Claro.

Foi necessário refletir em que pedagogia estão pautados os docentes, a didática que se utilizam, além da postura que adotam diante da perspectiva do que são ensino e aprendizagem dentro da universidade, já que, exercem grande influência nas práticas docentes dos futuros professores. Buscamos entender como o trabalho docente está sendo desenvolvidos no curso de Geografia, quais as perspectivas que procuram atender, e se os objetivos proposto no Projeto Político Pedagógico estabelecem relações ao plano de ensino dos docentes. E também quais possibilidades de mudanças para obtermos uma formação de maior qualidade, através de um pensamento mais reflexivo sobre a prática docente a partir dos dilemas e dos desafios do cotidiano que foram apontados.

Para isso, esse estudo esteve alicerçado numa abordagem qualitativa cujos instrumentos metodológicos utilizados foram a análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Geografia da UNESP de Rio Claro, entrevistas semi estruturadas com alguns docentes e com o coordenador do referido curso e as análises contidas no caderno de anotações da pesquisadora ao assistir as aulas dos professores que serão entrevistados.

## **2 DISCUSSÕES DO TEMA**

### **2.1 O Exercício da Docência**

O exercício da docência como prática profissional envolve um rol de saberes contendo conhecimentos, habilidades e atitudes que precisam ser analisadas e discutidas. Ser professor não se resume ao ato de ensinar, porém entrelaça diversas características para que ocorra o processo de ensino e aprendizagem.

Em todos os níveis educacionais a figura do professor está presente, desde as séries iniciais até o ensino superior (foco de nossa pesquisa) por isso, a pedagogia universitária preocupa-se em discutir a qualidade do ensino superior olhando para a formação e o preparo dos docentes, características essas que norteiam o trabalho dos professores universitários. Que por sua vez segundo Cunha e Azevedo (2010, p.3) “a forma empregada pelos professores universitários nas atividades de ensino e da pesquisa influencia o trabalho formativo de quem vive o processo educativo”.

A qualificação do trabalho docente é indispensável ser discutida nas últimas décadas, pois temos presenciado a sucateamento do ensino superior, em detrimento com a rápida preparação para o mercado de trabalho. As práticas reflexivas vêm sendo deixadas de lado e a formação tem ficado cada vez mais vaga e vazia de conhecimentos necessários para um efetivo processo de formação.

O que vemos com muita freqüência no contexto universitário é uma ampla leva de profissionais especialistas em sua área de conhecimento, que deixam de lado qualquer prática pedagógica, transformando o espaço da sala de aula num laboratório onde pura e simplesmente ocorre a transmissão de conteúdos caindo numa corrente tradicional de ensinar. O processo educativo fica reduzido, apenas, na perspectiva que os discentes não passam de receptáculos e as demais vertentes da relação professor e alunos são ignoradas, porém o conceito que temos de um bom professor é que segundo Silva (2003, p.2) “não é aquele que soluciona problemas, mas justamente aquele que ensina seus alunos a problematizarem”.

A docência como afirma Cunha (2004) é uma atividade complexa, pois envolve uma quantidade de saberes necessários para o exercício profissional. No

caso da profissão professor, este profissional precisará desenvolver saberes profissionais específicos chamados de saberes docentes, que são necessários para que o professor possa desenvolver com mais competência o ato de ensinar numa perspectiva em que ensinar não se configura apenas pela ação de transmissão de informação.

Ao analisar o contexto universitário e as habilidades necessárias para ser um professor, nos indagamos sobre o desafio de ser professor na atualidade, onde podemos perceber uma crise de identidade do professor diante da mercantilização dos diversos níveis do ensino e concordamos com Ferreira (2010, p.97) ao afirmar que.

Nesse contexto da educação concebida como mercadoria, da sociedade da informação e da banalização do trabalho docente, o professor universitário perde o privilégio de ser tratado como intelectual orgânico, para ser encarado, muitas vezes, como um mero colaborador dentro de uma empresa educacional.

Como aponta muitos autores a docência é uma profissão complexa, cheia de desafios e dilemas, exigindo do professor saberes para articulação de diversas situações dentro do processo. Os cursos de pós-graduação têm focado com muito mais ênfase a formação apenas para a pesquisa desconsiderando a formação pedagógica como algo necessário para a formação completa e ampla desses profissionais. No nosso ponto de vista isso acaba por ser um grande problema como já apontado por Cunha (2011), haja vista, inclusive, que muitos desses profissionais ingressarão como docentes nas universidades não tendo nenhuma formação e preparação didático-pedagógica para exercer a docência universitária.

A formação docente não se dá somente em uma etapa inicial do ingresso à carreira, mas ela se desenvolve com o decorrer do exercício profissional. Devido ao despreparo o que vemos é uma grande quantidade de pesquisadores sem a mínima competência profissional para a docência lecionando nas universidades, fazendo persistir o pensamento de que ao dominar determinada área da ciência bastará para saber ensiná-la.

Diante disso, concordamos com Pachane (2006, p.124) que ao refletir sobre a prática docente afirma que “a formação do professor, portanto não pode se resumir ao conhecimento aprofundado do conteúdo, nem mesmo ao domínio de algumas

poucas técnicas didáticas”, mas precisa estar pautados em diversos outros saberes, tais como suas experiências pessoais, as relações que se dão dentro da sala de aula, tal como a realidade que o cerca, pois, esta pode ser norteadora das necessidades dos aprendizes em questão.” O conhecimento baseado apenas no seu conteúdo específico, não pode ser a única base para o processo de ensino e aprendizagem.

A profissão docente precisa ter uma qualidade para que o processo de ensino e aprendizagem se efetue, já que o professor é parte importante do processo. Outro grande desafio está em articular o ensino a pesquisa e a extensão. A grande maioria dos docentes é escolhida pelas suas habilidades em pesquisa, onde são levadas em contas suas produções e não sua ação profissional como professor, situação que causa desequilíbrio ao exercer a função do docente, pois muitos focam as pesquisas e deixam para segundo plano a qualidade do ensino e da extensão. Assim o que presenciamos é a análise de Cunha e Azevedo (2011 p.6) “A profissão docente, no âmbito universitário, foi atingida por forças que ratificaram sua condição de isolamento favorecendo os projetos individuais sobre as demandas coletivas”.

Numa concepção crítica não há dicotomia entre a tríade ensino, pesquisa e a extensão, onde a ação extensionista fica quase que à parte da formação do universitário, e sem ela a universidade não atinge completamente o seu objetivo de sociabilizar o conhecimento. A pesquisa se faz necessária para dar sustentabilidade ao ensino, que precisa partir da realidade social e serem compartilhado no contexto social pela extensão, que deixa de ser vista como autônoma e torna se interdependentes dos outras e vice-versa.

São distintos os problemas enfrentados no dia a dia do professor universitário, com as mudanças imposta pelo neoliberalismo, a profissão perde sua identidade, ser professor acaba por estar dicotomizada em certo ponto da profissão do professor como pesquisador, na medida em que a pesquisa acaba não tendo a função educativa de, também, contribuir com a qualificação do trabalho docente. O papel que a pesquisa ocupa no cenário nacional nas universidades é o da produtividade e da ascensão profissional desvalorizando fortemente a ação profissional do professor no ensino e na extensão. Isso acaba por transformar o professor universitário num burocrata produtivista.

A docência precisa ser um processo, não pode ser estática, pois ela é uma intervenção social, onde há diferentes sujeitos. Daí uma formação inicial pautada seriamente na prática pedagógica, e também uma formação continuada para que se firme a identidade do professor. Isso fica ainda mais claro quando percebemos que os conhecimentos específicos sobrepõem aos conhecimentos pedagógicos, e a ciência se transforma em veículo de reprodução do sistema produtivo capitalista, e aos poucos ela vai deixando de ser uma relação social, para tornar-se uma relação social de produção.

É notável o grande desafio de resistir à lógica do mercado no exercício da docência, porém o professor não pode deixar de lado todos os conhecimentos e habilidades necessários para buscar sua real identidade. Ensinar tem um caráter coletivo, envolve uma série de situações que o professor tem que estar apto a encarar.

É muito complexo definirmos o que é ser um bom professor, porém sabemos que uma das características que podemos apontar é de que um bom professor é aquele que sabe ensinar os seus aprendizes a problematizar, em vez de, apontar diretamente as soluções das questões. O debate e a constante reflexão fazem parte de sua prática. Para isso, dentro do estudo da pedagogia universitária são elencadas diversas habilidades e conhecimentos que são norteadores para a prática docente, desde o processo de formação, pois é na graduação, nos cursos que formam professores, que ocorre às primeiras aquisições dos saberes que devem ser contínuos para o futuro docente (cursos de licenciaturas), que possibilitem constantes inovações e incorporações de novos saberes para a prática docente.

Para a construção da identidade da docência como profissão, é indispensável a sua significação social, o professor tem que ter claro o seu papel como interventor social, como um mediador entre o conhecimento e o aprendiz, o professor muitas vezes é quem vai orientar o aluno na forma pelo qual ele vai encaminhar o saber adquirido na universidade, além de algumas vezes influenciar o encaminhamento do futuro profissional dentro da sociedade. É ele que pode marcar a diferença entre o conhecimento e a informação e pra quem serve e a quem atende o saber na vida de seus alunos.

Tarfid (2002) enumera um rol de saberes e habilidades que são necessários



para a profissão docente, que vão além do saber disciplinar (específico da área). Para ele a educação envolve não somente a dimensão profissional, como também a política, sendo necessária a valorização dos saberes pessoais, pois o professor é um indivíduo, composto por sentimentos e ações que podem interferir na relação professor e aluno.

Um bom professor precisa constantemente refletir para que serve o conhecimento e como aplicá-lo em contextos diversos dos quais estão inseridos os alunos. Porém o que temos visto com frequência é que cada vez mais há escassez dessa reflexão, e em vez de busca de alternativa para a superação dos desafios da atualidade do ensino, ocorre o mergulho na acomodação e a efetivação da ideia errônea de que se há produção (pontuado por meio de planilhas e pontos junto as agências de fomento em pesquisa no Brasil e na progressão de carreira) isso se caracteriza como sinônimo de qualidade.

A visão de que a docência é um emprego e não uma profissão acentua essa perda da identidade do professor universitário, exigindo uma reformulação desta identidade nesse universo. Assim o trabalho docente não se pode pautar exclusivamente nos conhecimentos específicos da área, mas reestruturar os demais conhecimentos do ser social que é o professor, levando em conta suas experiências e de seus aprendizes, pautado numa prática docente interdisciplinar já apontado por Andrade e Azevedo (2005), em que os saberes docentes envolvem vários âmbitos e não se resumem apenas ao contexto de sala de aula.

## **2.2 A Complexidade do Contexto Universitário**

A qualidade do ensino superior está envolvida com a seriedade com que a docência é exercida, temos hoje um contexto universitário com constantes mudanças que influem diretamente na prática pedagógica.

A universidade possui um tripé constituído pelo ensino, pesquisa e extensão, porém é nítida a importância que os trabalhos de pesquisas têm maiores prioridades em relação aos outros. Essa prática faz com que a corrida pela produção se torne cada vez mais acirrada, gerando um individualismo acadêmico, onde se formam professores produtivistas centrados em desenvolver cada vez mais projetos individuais, deixando a prática o ensino de lado.

O avanço tecnológico e a compressão do espaço e do tempo forçam as

buscas por novos paradigmas, porém o que vemos é uma grande quantidade de profissionais caindo do comodismo de uma ferramenta técnica e deixando de lado o aperfeiçoamento da didática para exercer com mais qualidade sua atividade de ensino.

A universidade apesar de ter o caráter autônomo do saber não deixa de refletir a sociedade qual se insere, sofrendo as conseqüências das mudanças desta sociedade. Com a consolidação do sistema econômico capitalista, o processo de globalização acelera a produção, exigindo velocidade em todas as vertentes sociais, passamos a viver numa sociedade mais volátil, e essas características chegam dentro do espaço universitário. Deixaremos de ter um conhecimento autônomo medido pelas relações sociais, para termos, um conhecimento mediado pelas relações de mercado. A educação superior passa a ser um serviço, vamos viver a era da universidade operacional (CHAÚÍ, 2003).

O conhecimento concebido dentro do espaço universitário servirá como instrumentação para formar mão de obra. As necessidades sociais deixam de reger e quem passa a comandar a produção de saberes são as forças externas do mercado. A instabilidade, e a flexibilidade geram conflitos para exercer a profissão docente, pois há uma mudança nos objetivos do ensino superior que perde o seu caráter de formação de cidadãos profissionais capazes de enfrentar e entender os desafios da complexidade da sociedade em que vivem para ser apenas uma forma de instrumentação para atender as exigências do sistema produtivo.

Esse ensino em forma de mera instrumentalização gera dilemas ao professor, pois vai ignorar um conjunto de saberes pedagógicos necessários ao exercer da profissão docente, centrando apenas no conhecimento técnico e específico da área do curso, assim, acaba-se por criar uma especialização do conhecimento por meio de uma acirrada competição que são materializadas nas burocracias e na quantidade exacerbada da produção científica com qualidade questionável, em que muitos casos afetam o ensino, pois ele acaba ficando em segundo plano para que as pesquisas tenham prioridades.

Nesse quadro o tripé da universidade ensino, pesquisa e extensão ganham pesos diferentes onde um passar a ter mais ênfase em detrimento ao outros, baixando a qualidade da formação, pois tanto o ensino quanto a pesquisa e a

extensão são indispensáveis no contexto universitário, pois os três juntos integram a teoria e a prática na produção do conhecimento e na busca pela formação integral e cidadã.

Outro aspecto importante no contexto universitário é o dilema de ver a produção acadêmica servir de maneira equivocada para medir a qualidade do professor universitário. Pois a quantidade tem sido sobreposta em relação à qualidade. Esses têm sido um dos desafios: produzir pesquisas com qualidade sem se deixar levar pelas forças do produtivismo, articulando-a com o ensino e com a extensão.

A desvalorização do trabalho docente é notável, a valorização das titulações, das pesquisas em detrimento das qualificações pedagógicas, tem sucateado cada vez mais o ensino, afetando o processo de formação somando um quadro onde cada vez mais há docentes sem experiências nas práticas pedagógicas.

Assim o trabalho docente convive com essas constantes mudanças imposta pelo neoliberalismo que transformou a universidade como espaço do conhecimento intelectual em uma universidade mercadológica. O desafio de ser professor é cada vez maior, pois o sistema centra-se no produto e ignoram o processo, onde é mais atraente ser um pesquisador e não professor. A preocupação com a forma de ensinar está em segundo plano, pois o mercado exige cada vez mais rapidez e técnicas, não se levando mais em conta os indivíduos envolvidos no processo, e sim o produto final.

### **2.3 Breve Panorama do Curso de Geografia da UNESP de Rio Claro**

Destacamos nessa análise o curso de Geografia da UNESP de Rio Claro.

As ciências geográficas desenvolvem-se na segunda metade do século XIX (não ignorando as produções anteriores desde a antiguidade clássica), atribuindo ao século XIX a sistematização desses conhecimentos e a definição de um objeto de estudo para que a Geografia se definisse como ciência.

Ela surge como uma ciência natural, focada na análise da paisagem, firma-se como ciência, tendo como o seu objeto de estudo o espaço geográfico. Apesar de ainda hoje haver discussões dentro da Geografia, ela se constitui como uma ciência

que investiga as dinâmicas sociais, não se restringindo apenas a fenômenos específicos, mas no pensamento do espaço como um todo. No século XX a Geografia passa a fazer parte do currículo escolar, formando-se assim os cursos de licenciatura em Geografia para a formação de professores.

O curso de Geografia da UNESP de Rio Claro antecede a instalação da UNESP em 1976, sendo que sua primeira turma formou-se em 1962. Era um departamento do curso da Faculdade de Filosofia e Letras de Rio Claro até a integração à UNESP em 1976. O curso destacou-se pela forte identificação com a Geografia Teórica, uma escola que quantificava os fenômenos no espaço. Durante o regime militar no Brasil, essa linha de pensamento era útil, pois ajudava a disseminar a ideia do nacionalismo brasileiro, e o planejamento estratégico do desenvolvimento econômico do território. Foi nessa época que surgiram as grandes instituições, pautadas no conhecimento geográfico como a AGB e o IBGE.

Ainda no fim dos anos 60 foram realizadas as primeiras defesas de doutorados, e a maior parte dos alunos tornaram docentes da unidade. Muitos destaques são relevantes, como em 1982 a criação da Revista de Geografia da UNESP, e nesse mesmo ano formação da Associação Rio-clarense de Geografia (ARGEO), também se criou o Departamento de Planejamento Regional formando assim dois departamentos dentro do curso para atender as necessidades do estudo. Esse último, atualmente, recebe outro nome pela incorporação de novas atividades, como a Cartografia e o SIG que é o Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento.

O curso de Geografia da UNESP de Rio Claro destacou-se e destaca-se até hoje pela sua qualidade, estando entre os melhores do Brasil, pois desde a sua formação teve como docentes pensadores de grande importância dentro da Geografia, devido ao seu forte ligamento a Geografia Quantitativa foi criado em Rio Claro a Associação de Geografia Teórica (AGETEO), com a publicação de dois periódicos, o Boletim de Geografia Teórica e a Revista de Geografia.

Na segunda metade do século XX o desenvolvimento do pensamento Crítico dentro da Geografia e a adoção dessa linha de pensamento por vários professores, gera uma quebra de paradigmas dentro do curso, quando novas discussões em torno do que é Geografia encadeiam mudanças no curso, discussões

que até hoje estão presentes e constantemente vem à tona, pois é perceptível uma dicotomia gerada por essas divergências.

Essa dicotomia é sentida na construção do currículo, na forma em que estão distribuídas as disciplinas, e a contradição entre o Projeto Político pedagógico e o que efetivamente ocorre no processo de ensino.

Atualmente o curso de Geografia da UNESP de Rio Claro oferece duas formações: a licenciatura e o Bacharel com opções de duas ênfases ou sem ênfase para o período integral e o curso de Licenciatura para o noturno (primeira turma formada em 2002).

## **2.4 O Ensino de Geografia na UNESP/ Rio Claro: Uma Breve Análise do Projeto Político Pedagógico**

A educação como serviço não exclusivo do estado cria uma nova ideia de organização dentro das instituições de ensino. Essas mudanças vão trazer a necessidade de reconfiguração da estrutura dos espaços da universidade que vão propiciarem uma reflexão no Projeto Político Pedagógico que sofrerão modificações para adaptar-se a realidade do contexto vivido.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é o responsável por nortear o trabalho do professor. Sob sua postura e diretrizes o docente se utiliza para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem. Muitos teóricos buscam analisar o papel do PPP dentro das universidades hoje, quais são as condições e justificativas que eles vêm sendo elaborados e quais objetivos têm por alcance.

Veiga (2003) traz uma reflexão embasada na inovação do PPP e discute duas formas distintas de elaboração e efetivação do projeto. Para ela o movimento que permeia a construção, implementação e avaliação permanente de um Projeto Político Pedagógico pode se constituir numa ação pautada na regulação da proposta ou numa ação emancipatória, questionando a realidade atual de atuação e formulação do PPP nas instituições de ensino.

Veiga a princípio discute o conceito de inovar em cada uma das duas ações do PPP, demonstrando o antagonismo existente entre elas. Quando falamos de uma ação inovadora reguladora vemos uma função totalmente adversa do objetivo real

da implantação do PPP. Essa inovação reguladora ou técnica, como é definida pela autora, acaba ficando totalmente descontextualizado da realidade do espaço em questão, O PPP torna-se um documento programático, pois ele não tem uma ação coletiva e democrática, visa apenas racionalizar e padronizar torna-se um conjunto de ferramentas que ignoram os sujeitos e seu contexto para atingir apenas o produto final com eficácia, que são medidos por meio de indicadores e avaliações de resultados externos. Essa ação torna o espaço do ensino preso a uma burocratização que bane a autonomia e as construções coletivas de apontamentos das reais necessidades a serem discutidas e reconfiguradas. Esse projeto político acaba sendo construído isoladamente para servir aos interesses de uma dada classe específica- os gestores que se utiliza dessa ação para legitimar suas intenções no contexto universitário e escolar. Assim essa inovação se torna impositiva e não é um processo de construção, mas sim o que segundo Veiga (2003, p.271).

A inovação é uma simples rearticulação do sistema, visando à introdução acrítica do novo no velho. Neste sentido, o projeto político - pedagógico, na esteira da inovação regulatória ou técnica, pode servir para a perpetuação do instituído. Prevalece uma concepção de projeto mais preocupado com a dimensão técnica, em detrimento das dimensões política e sociocultural. .

Para Veiga um Projeto Político Pedagógico tem que ser um processo construído por uma ação democrática, tem que visar à eficácia do processo formativo é o que ela define por ação inovadora e emancipatória. Essa ação emancipatória procura manter o dialogo entre a realidade do espaço local, os distintos sujeitos que a compõe e o contexto social e histórico a qual se insere.

Sob essa perspectiva o PPP é uma expressão da reflexão realizada democraticamente por todos os indivíduos envolvidos, onde não somente constrói, mas também são responsáveis pelo que foi construído.

Ao contrario da ação reguladora, a ação emancipadora não traz apenas reformas ou adaptações, mas fomenta ruptura das diversas vertentes questionadas. Seu objetivo é superar a fragmentação, e seu produto não separa do processo, porém há uma construção dialética. Há um envolvimento de todos os sujeitos que repensa a estrutura de poder que se insere, é um movimento democrático e

emancipador, que não tem a função de regular ou esquematizar, mas sim de propiciar diretrizes e autonomia no espaço universitário. O que conforme Veiga (2003, p.275).

Sob esta ótica, o projeto é um meio de engajamento coletivo para integrar ações dispersas, criar sinergias no sentido de buscar soluções alternativas para diferentes momentos do trabalho pedagógico-administrativo, desenvolver o sentimento de pertença, mobilizar os protagonistas para a explicitação de objetivos comuns definindo o norte das ações a serem desencadeadas, fortalecer a construção de uma coerência comum, mas indispensável, para que a ação coletiva produza seus efeitos.

Buscamos este embasamento, nos apoiando em Veiga (2003), para tentar analisar o Projeto Político Pedagógico do curso de Geografia da UNESP de Rio Claro, que paralela à realização da pesquisa encontrava-se em um processo de reestruturação. Processo este que tem gerado grandes questionamentos, além de diversos posicionamentos identificados nas ações apresentadas por Veiga (2003).

Ao lermos o projeto político pedagógico atual, seguindo a proposta do Ministério da Educação, o curso de Geografia precisa constituir-se de forma integrada, onde todas as disciplinas possam possibilitar pesquisas em conjunta o para a construção do conhecimento a partir da realidade presente.

Apresenta a ideia de da formação de profissionais críticos e sensíveis ao seu contexto. Refere-se ao ensino como um processo formativo e não simplesmente ao receptor de conhecimento. Há referência sobre uma ciência Geográfica sem dicotomia, mas sim uma ciência voltada para a análise do todo, o espaço como um todo para se entender as dinâmicas do mundo. O projeto apresenta à proposta de formação de bacharéis e Licenciados num único documento, mas a formação de professores está descontextual, pobre e traz a idéia de que os bacharéis precisam desenvolver atitudes de pesquisadores enquanto que os professores precisam apenas “dar aulas”.

As questões relacionadas ao tripé ensino, pesquisa e extensão, também, são elencadas, descreve algumas diretrizes como carga horária, disciplinas, os objetivos da formação, a postura do futuro Geógrafo, o seu dever e sua atuação.

Como apontado por alguns sujeitos da pesquisa, para muitos docentes do curso esse PPP na verdade não passa de uma grade curricular com um amontoado

de disciplinas e carga horária, e que precisamos discutir as reais necessidades do curso e “criar” um Projeto Político que vá nortear o curso de Geografia.

Porém questionamos quais os percursos e justificativas são levadas em consideração por parte de alguns docentes para a busca de uma ação pautada apenas na regulação do projeto. Entretanto há outros docentes fortemente envolvidos na busca pela qualificação do curso a partir da reconstrução da proposta visando à institucionalização de um PPP que possa gerar emancipação.

Como estudado por Veiga e outros teórico, são necessários debates e reflexões para que ocorra coerência na construção de um PPP.

- a) Entendimento das reais necessidades e expectativas apontadas na avaliação;
- b) Qualificação permanente do trabalho dos profissionais da universidade nos diferentes setores;
- c) Clareza de que o PPP não é documento fechado, pois deve ser suscetível às mudanças necessárias durante sua concretização;
- d) Permanente parecer avaliativo e redimensionamento das propostas;

A elaboração do Projeto Político–Pedagógico de determinado Curso é o principal ponto de referência para a construção da identidade dos profissionais que nela atuam, assim como, é a base para a formação de futuros cidadãos críticos, profissionais éticos e qualificados.

Vemos a necessidade da construção do PPP não somente de gestores e docentes, mas também dos alunos já que esses são considerados sujeitos centrais no processo. Ele deve ser construído em conjunto perpassando por algumas etapas importantes:

- Estabelecimento de um marco referencial;
- Conhecimento da realidade universitária;
- Objetivos a serem alcançados;
- Ações a serem tomadas para alcançar os objetivos;
- Avaliação do trabalho desenvolvido.

Em vista disso, o PPP deve articular na organização curricular elementos que se inter-relacionam para assim ter significado e solidez. Estes elementos são: os objetivos, conteúdos, modalidades didáticas e avaliação que para melhor compreensão conceitual e prática.



Nosso propósito foi tentar identificar a coerência entre esse a teoria o e a prática na leitura do PPP do Curso de Geografia da UNESP de Rio Claro que tivemos acesso, Em função disso, é possível percebermos algumas contradições ao analisarmos a grade curricular havendo grande desconexão da grade curricular com a proposta em si com um conjunto de cursos específicos de áreas que não se articulam Sendo o curso de licenciatura notamos que as disciplinas relacionadas à formação de professores estão extremamente reduzidas, o que abre questionamentos em relação à atuação dos futuros professores, já que a esta torna comprometida.

Embora até a finalização desta pesquisa o debate de reformulação desse PPP não havia sido concluído, presenciamos algumas ações realizadas por grupos de estudantes e alguns professores para que esse se efetue como uma ação inovadora emancipadora e que tenha a participação de todos os sujeitos da universidades, porém também presenciamos ideias contrárias, onde fica explícito a manifestações de interesses individuais para abstenções de créditos, sobre uma ato político e democrático e um direito da sociedade acadêmica como um todo.

### 3 OS SABERES DA DOCÊNCIA

Atualmente presenciamos a carreira profissional do professor muito defasada em quase todas as esferas: baixos salários desinteresse dos alunos, situações que levam a um grande desconforto e a desmotivação para o exercício da docência. É um rol de problema que precisa ser discutido, pois interfere diretamente no processo de ensino e aprendizagem, já que no ambiente universitário temos o reflexo da sociedade, que está também em crise. Sabemos que a docência como qualquer outra profissão também é uma intervenção social sendo indispensável para a construção social, educativa e cultural de uma determinada sociedade, diante disso Cunha (2006) afirma que os saberes da docência são plurais e heterogêneos.

O professor universitário enfrenta cotidianamente desafios que exigem novas rupturas paradigmáticas para sua prática docente, Cunha (1998) em seu livro intitulado “O Professor Universitário na Transição de Paradigmas” já aponta a necessidade de a universidade rever e retomar reflexões teóricas-práticas sobre o ensino e a aprendizagem para realmente avançarmos nas práticas pedagógicas que nela são praticadas. Nesse livro a autora aponta a necessidade de que as questões referentes ao ensino e à aprendizagem na universidade sejam analisadas mediante mudanças paradigmáticas. Para isso, ela se baliza nos estudos de Boaventura de Sousa Santos (1987) a respeito das tendências paradigmáticas da Ciência Moderna e da Ciência Pós-Moderna: a transição do paradigma dominante para o paradigma emergente.

Assim, ao falarmos sobre as mudanças paradigmáticas balizadas em Cunha e Sousa buscamos refletir acerca do exercício da docência e a necessária mudança de paradigmas que precisamos realizar para que ela seja realmente emancipatória e possa promover a reflexão e a construção do conhecimento de forma autônoma e transformadora, assim o professor tem um papel importante como mediador entre o aprendiz e o conhecimento, sendo responsável em fomentar discussões, debates que vão além da sala de aula, assuntos que refletem além dos saberes científicos, e que possibilitem varias visões e reflexões numa perspectiva política social, e cultural para os alunos “se a docência é uma ação humana, ela também é histórica e cultural” (CUNHA, 2006, p. 259).

Ser professor tem se tornado cada vez mais difícil diante de tantos desafios a começar pela construção de sua identidade profissional. A partir desses embates alguns pensadores propuseram estudos para refletirem a prática docente e elencou alguns saberes da docência que vão nortear o trabalho do professor.

As primeiras experiências do docente são adquiridas nos cursos de licenciatura, o que se define por formação inicial, daí a necessidade de analisar o ensino superior que tem tido grande indiferença na formação dos futuros professores. A universidade tem no seu corpo docente professores preocupados somente com seu conteúdo ignorando a didática necessária ao processo de ensino e aprendizagem, atitudes que trazem risco a formação do futuro docente, pois há aí uma grande possibilidade da reprodução desta prática vivida durante a formação segundo Cunha (2006, p.258) “o professor ensina a partir da sua experiência como aluno, inspirado em seus antigos professores”.

O docente precisa interligar diversos saberes que advêm de distintas experiências que extrapolam o saber específico de sua área de atuação, por isso, a formação continuada também é essencial durante o exercício da profissão, pois ela propicia uma maior reflexão da prática docente, hoje a ideia de qualidade de ensino está atrelada a produção, onde mede-se a partir de diferentes avaliações que ignoram saberes necessários a uma relação de ensino e aprendizagem de qualidade.

Além da formação inicial a docente precisa estar em constante reflexão, sendo fundamental uma atitude de formação contínua durante o exercício da função, já que a sociedade não é estática e constantemente se transforma criando novos conceitos e paradigmas, e o professor precisa estar atento a essas mudanças.

Cunha (2009) nos chama a atenção para a necessidade de reconfigurarmos os saberes docentes, a partir das mudanças sofridas no conceito de ensinar e aprender, ela aponta para ruptura de uma ação docente pautada no ato exclusivo de transmissão da informação, onde o aluno não é mais visto como um receptáculo de informações, mas um sujeito ativo e responsável também pelo processo. Daí a necessidade de rever os conceitos e as práticas pedagógicas, se questionar sobre a função do professor, analisar a formação e inovar a partir das necessidades que vão surgindo.

Para Pimenta (2000) os saberes docentes também são construídos a partir das experiências vividas durante a prática pedagógica, por meio de uma constante reflexão do exercício da docência. Ela vai elencar três tipos de saberes docente: os saberes do conhecimento, os saberes pedagógicos, e os saberes da experiência.

Os saberes do conhecimento incluem diversas áreas da ciência. Ser professor implica em estar preparado para fazer a mediação entre o saber e o aprendiz, seja qual for a área de atuação o professor precisa dominar o que ele vai lecionar, o professor de Geografia precisa conhecer os conceitos geográficos, assim como o matemático precisa conhecer a sua ciência. Além do seu conhecimento específico o professor também precisa saber relacionar a teoria com a realidade em que estão inseridos seus alunos, para que esse conhecimento passe a ter significado para o aprendiz, e também possa ser aplicado na sociedade. O professor precisa estar a par do contexto dos alunos, para que o conhecimento atinja de forma clara e objetiva. Ensinar é um ato político, um professor sem a clareza de atuação como um ser social pode trazer defasagem na formação de um cidadão, ele precisa mostrar o papel dos alunos dentro da sociedade, assim como esta funciona e qual o papel da ciência para a sociedade global e local. Assim todos esses conhecimentos, além de, outros mais são importantes e indispensáveis para a prática docente.

Os saberes pedagógicos são necessários para que ocorra essa mediação, é ele que vai definir a forma pela qual o professor vai orientar seus alunos em relação à teoria e a prática. Os saberes pedagógicos permitem ao docente visualizar as diversas maneiras de possibilitar o processo de ensino e aprendizagem, ele vai possibilitar clareza da organização do trabalho docente, as possíveis articulações dos conhecimentos específicos com outras áreas, o encaminhamento teórico-metodológico adotado, os processos avaliativos que deverão ser vivenciados e o entendimento acerca do contexto sócio-cultural dos alunos e da sua realidade, vai definir a didática que o professor achar necessário para aquele contexto.

É comum vermos na universidade um conservadorismo na forma de ensinar de alguns professores, não se preocupam em remodelarem suas práticas pedagógicas para tornar mais eficaz o processo, acomodam-se em práticas antigas, não refletem e caem no tradicionalismo de que ensinar é transmitir conhecimento. Esses conhecimentos são necessários para potencializar o processo, são eles que

vão dar sustentação para a busca de alternativas para atender as necessidades de cada aluno, já que no contexto universitário é heterogêneo e único.

Como apontamos os saberes das experiências também são necessários à carreira acadêmica, o professor é um ser social, provido de emoções, de uma vida cheia de vivência em diversos contextos, assim sua atuação está entrelaçada com o seu processo de vida, Pimenta (2000) demonstra que muitos reproduzem práticas vividas enquanto alunos de seus professores. Esses saberes da experiência vão trazer ao docente parte de sua identidade que será formada ao longo de sua atuação. As experiências de cada um criam a sua personalidade enquanto profissional, o professor permitir inovar e recriar didáticas a partir do contexto que ele se insere. A experiência vai permiti-lo um fortalecimento de suas ações enquanto profissional, possibilitando mudanças necessárias a cada situação.

Todos esses saberes trazidos por Pimenta são apontados como necessários para o docente, essa articulação favorece o processo de ensino e aprendizagem, um bom professor é aquele que leva todos em questão e consegue mediar os conflitos existentes entre a teoria e a prática. Ele consegue atuar como um orientador que norteia os alunos diante das dificuldades do saber científico e a relação deste com a sociedade.

A docência como apontada por diversos pensadores é uma atividade complexa, como qualquer profissão, precisa ser levada com seriedade e reflexões. Ela exige essa articulação de diversos saberes que são os conhecimentos e as habilidades. O professor universitário tem sido atingido pelo atual contexto neoliberal, e tem ser tornado cada vez mais pesquisador em detrimento de ser professor e essa visão tem perdurado na prática dos novos profissionais.

Consideramos extremamente importante que os docentes assumam uma postura investigativa como verdadeiros pesquisadores devem assim fazer, e concomitante a isso exerçam a docência com empenho, comprometimento e competência. Há, nesse sentido, a necessidade dessa ação investigativa ocorrer não somente no processo de formação, mas também durante todo o exercício da docência apontando a necessidade pela busca dos saberes da docência contribuindo para com a formação dos futuros profissionais.

## 4 PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo vamos explicitar os principais dilemas e desafios apontados pelos sujeitos da pesquisa, e também questões que levantamos a partir de nossas observações durante o trabalho de campo

Trabalhamos com cinco professores que atuam no ensino de Geografia na UNESP de Rio Claro. Eles foram convidados a participarem da pesquisa pelo envolvimento e comprometimento que assumem dia a dia com a docência no contexto universitário. Outro aspecto que selecionou este grupo foi o fato dos escolhidos autorizarem a permanência da pesquisadora nas suas respectivas aulas no semestre.

Em função disso realizamos um trabalho de campo, onde acompanhamos durante o primeiro semestre de 2012 suas aulas, fazendo anotações pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem adotados por eles, buscamos olhar a postura desses docentes diante do ensino e suas ações pedagógicas e a relação professor aluno. Além de uma entrevista semi estruturada, onde pudemos ouvir os dilemas e desafios de cada professor. Também é sujeito da pesquisa o professor coordenador do curso. Mantemos seus nomes em sigilo por questões éticas e privativas, assim os denominamos de professores A, B, C, D, e E.

Professor A: Professor Doutor com formação em Geografia, sempre atuou no ensino superior, lecionou no ensino básico somente no período da graduação. Formado pela Universidade de São Paulo exerce a função docente no ensino superior há mais de 35 anos, atuando desde o início na UNESP de Rio Claro, o docente também possui uma vasta experiência com a extensão universitária, atuando durante muito tempo em prefeituras na área do planejamento urbano, embasada em pesquisas científicas.

Professor B, formado em Geografia pela UNESP e pós na Universidade de São Paulo, sempre trabalhou com o ensino. Teve experiências em todos os níveis de ensino (Básico, Médio e Superior), tanto público quanto privado. Atuou também no ensino informal e voluntariado de alfabetização de adultos. Leciona na UNESP há quase vinte anos, porém já atuou em campus diferente sendo que há quase cinco está na UNESP de Rio Claro.

O docente C teve toda sua experiência no ensino superior na UNESP de Rio Claro, inclusive a sua própria formação, atuou apenas um ano quando era recém-formado no ensino fundamental. O professor C possui mais de 40 anos de atividade docente na UNESP.

O professor D também teve todo o seu processo de formação na UNESP Rio Claro. Sempre atuou na área de ensino, larga experiência com o ensino fundamental e médio, atuou em escolas públicas e privadas, com ensino e gestão escolar. Também trabalhou no ensino superior privado. Atua na UNESP como professor efetivo há quase cinco anos.

O professor E declarou possuir algumas poucas experiências no ensino fundamental e médio, atuando algumas vezes e na maioria no ensino privado. Atua cerca de dez anos na UNESP, porém efetivou há cerca de cinco anos.

#### **4.1 Observações de Campo**

Todos os professores se mostraram comprometidos com a questão do ensino, porém em graus e âmbitos diferentes. Todos eram pontuais e quase não presenciávamos faltas. O processo avaliativo de cada professor foi bastante variado, desde seminários até provas fechadas, tentamos elencar as principais observações, narrando algumas de nossas anotações mais relevantes. No capítulo seguinte faremos uma análise mais reflexiva desses dados.

O professor A demonstrou características bastante próximas ao que delegamos ser um bom professor. Durante o tempo de observação percebemos uma preocupação ao que concerne a relação professor aluno. O professor chegava para as aulas pontualmente, a sala apresentava uma grande quantidade de alunos que na maioria das vezes eram muitos participativos, levantavam muitas questões relacionadas aos temas propostos.

As leituras dos textos eram cobradas, pois eram eles que davam embasamentos às aulas, havia sempre a fala do docente “aluno que não lê, não aprende”. As aulas se estendiam no período todo com um rápido intervalo, porém não víamos o cansaço dos alunos, alguns ficavam até um pouco mais para sanar dúvidas, e eram ouvidos pelo professor, era muito comum o debate se estender

após o término das aulas. O docente estava sempre cercado pelos seus alunos durante o intervalo e após as aulas, e notávamos a disposição do mesmo em relação aos alunos.

O professor propôs logo no período inicial que os alunos se dividissem em grupos e escolhessem temas relacionados à disciplina para desenvolverem um projeto no decorrer do curso, então Além das aulas que eram ministradas o professor disponibilizou um tempo para orientar os alunos no desenvolvimento da pesquisa, que fora apresentada em forma de seminários no final do semestre, esses seminários foram bastante debatidos com os alunos e o professor. Os comentários dos alunos em relação ao professor sempre foram muito positivos.

Em relação à pedagógica, notamos um bom preparo, domínio total do conteúdo, relevância aos conhecimentos dos alunos. Pois muitas vezes presenciávamos mudanças de debates a partir do que era exposto pelos estudantes O professor se utilizou de alguns recursos didáticos como filmes, documentários, e até data show, mas o que mais destacamos foi o seu papel sempre reflexivo perante a sala. . Víamos uma inquietação da parte do professor em relação à realidade, era corriqueira uma desestabilização da sala por parte do professor que sempre levava os alunos a um debate crítico reflexivo.

Não havia uma rotina nas aulas, não percebemos um professor burocrata, havia democracia onde os alunos eram responsáveis pelos seus atos tais como falta, realização as tarefas proposta etc. Tínhamos atividades com propostas de escrever o que refletíamos frequentemente. As aulas do professor A, eram fortemente marcadas pelo diálogo e debates. , onde os alunos refletiam fortemente o tema que era proposto relacionando com as questões sociais.

O professor B demonstrou uma postura um pouco diferente, embora suas questões teóricas - metodológicas e até ideológicas frente ao ensino fossem semelhantes. Em relação à burocracia apresentava maior preocupação. Suas aulas eram permeadas de debates e algumas reflexões. Em relação aos saberes docente percebemos uma grande competência no conhecimento científico, e na didática. , pois suas aulas eram pautadas nos múltiplos saberes, porém a relação professor e aluno era um pouco conflituosa gerando certo desconforto.



O professor estabelecera algumas regras como saída postura na sala, e ao uso de celulares, que a principio causou certa intimidação aos alunos. Esse controle também foi percebido na forma de avaliação, pois como proposto pelo professor A, os alunos fariam uma pesquisa para ser apresentada em forma de seminário, porém os temas, os grupos, e a apresentação ficaram a critério do professor.

O semestre foi bastante produtivo e a impressão que tivemos no começo foi se dissipando ao longo do tempo, pois embora tivéssemos um professor criterioso, pudemos notar uma sua preocupação com o processo de ensino e aprendizagem e a necessidade de mostrar caminhos reflexivos aos alunos. Ele adotou metodologias diversas, como aulas expositivas com auxílio de tecnologia, trabalhos escritos individuais e em grupos (que ele escolheu), as ultimas aulas que antecederam aos seminários foram dedicadas à orientação aos grupos. Outra atitude relevante foi à elaboração de uma avaliação coletiva, onde cada aluno elaborou três questões que gostariam de ter na avaliação. A partir delas a sala escolheu cinco que o professor reelaborou e aplicou. As leituras de textos indicados também eram cobradas, pois muitas aulas baseavam-se nas discussões das ideias proposta nos textos, para assim construir com a sala novos referenciais teóricos. A sala possuía também um grande numero de alunos.

O professor C mostrou uma didática que nos impressionou muito. Ficou muito explicito a sua competência científica, mas também o seu desprendimento em relação ao ensino.

Ele se propôs a vir dias distintos da aula para dar um “reforço” a quem quisessem aprender mais. Sua aula era cativante, pelo grau de dificuldade o professor buscava a partir da realidade formas de explicar os conteúdos da disciplina.

Sua postura ainda era tradicional não no sentido de alunos como receptáculos, mas em relação ao uso constante de aula expositiva, apenas uma visita técnica dentro do instituto, porém não o víamos como um professor transmissor de conhecimento, mas sim como alguém que exerce sua função com gosto e responsabilidade com seus alunos, que mantém um bom relacionamento com o professor. A sala apresentava uma grande quantidade de alunos.

O professor D adotava uma postura diferente dos demais, suas aulas eram mais autônomas, sua postura mais reflexiva em relação ao ensino, e ele tentava levar essas reflexões aos alunos com leituras e apontamentos.

Suas aulas eram diversificadas com aulas práticas e teóricas. Várias atividades extra-sala foram realizadas filmes, elaborações de textos e debates. No quesito relação professor aluno, percebíamos um ponto positivo, pois ambos os lados explicitavam suas ideias com liberdade diante do contexto estudado, tinha-se na sala uma média relevante de alunos.

Participamos de vários processos reflexivos e críticos, percebemos um compromisso na elaboração das aulas e nas conversas em sala, notamos também o envolvimento do professor com a extensão universitária que ficou bastante explícita, característica que se destacou em relação aos demais professores. Notamos uma postura comprometida com ensino e busca de inovações e envolvimento dos alunos em diversas questões da universidade e da sociedade.

Por último professor E, uso constante de recursos didáticos tais como data show e outros. Tivemos uma maior dificuldade de analisarmos sua postura. Notamos uma grande preocupação com os saberes acadêmicos, e os saberes docentes menor ênfase, atitude que geraram conflitos e reclamações por parte dos alunos. Vimos o compromisso com o ensino, mas um ensino pautado em concepções diferentes ao apresentado pelos teóricos da pedagogia universitária. A relação professor aluno era percebida em outros âmbitos fora do processo ensino e aprendizagem, notamos que a maioria dos alunos estava interessada em terminar logo o curso, poucos mostravam interesse em aprender. As aulas eram extensas, víamos muito a exposição de conteúdos, poucos questionamentos e escassa ação reflexiva do professor.

A exposição dessas ideias serviu de base para pensarmos o nível de reflexão existente na postura dos sujeitos em contraposição ao que foram explicitados por eles durante as entrevistas.

## 4.2 Entrevistas

Nesse tópico vamos expor os principais objetivos das entrevistas. Optamos por fazer entrevistas semi estruturada, onde procuramos obter concepções e opiniões dos sujeitos de diferentes questões que envolvem a docência e os saberes necessários para o exercício da profissão.

Como inicio da entrevista pedimos que cada docente falasse sobre a sua formação e suas experiências.

Todos são geógrafos por formação, doutores com diferentes atuações dentro do ensino de Geografia. Trabalhamos com professores com tempos de experiências diferentes três deles passaram por todos os níveis de ensino, que vão desde o ensino voluntario educação de jovens e adultos, ensino fundamental e médio tanto em escola publica quanto privada, também atuaram no ensino superior publico e privado até ingressarem na UNESP.

Os outros tiveram experiência apenas no ensino superior, inclusive somente aqui na UNESP, ou seja, começaram atuar diretamente como docente na universidade.

Pedimos que eles explanassem sobre a o conceito que tinham o ensino e a aprendizagem, todos explicitaram não haver dicotomia entre os dois, porém demonstraram visões e posturas diferentes.

“... o conhecimento não vem daquilo que o professor fala e é exposto pros alunos só na aula, ele demanda uma leitura, um aprofundamento é evidente! O professor eu trato como se ele fosse um orientador... mas eu considero que a melhor forma é ter um problema para o aluno responder”. (Professor A)

“se trata de uma relação... e essa relação social tem um fator fundamental que é a construção dos dois sujeitos, ou seja, tanto do professor como do aluno... e essa dimensão de intervenção social tem por objetivo construir algo melhor... relação de construção do novo”. (professor B)

“não sei se alguém ensina alguma coisa pra outra pessoa, eu acho que você orienta um processo de aprendizagem... se a pessoa não tem disposição não tem vontade, então se aprende... o ato de ensinar, eu acho, é indicar caminhos... ensino

e aprendizagem parecem que são aspectos diferentes de um mesmo fato”. (Professor C)

“sem chances de dissociar as duas coisas... O professor organiza o seu trabalho com objetivo, com uma intenção e no contato com os alunos esse processo intencional ele vai atingir esses alunos, na medida em que esses alunos estejam abertos e preparados de alguma forma para aprender”. (Professor D)

“ensinar é maravilhoso... você provoca mudanças no ser humano, ele entra de um jeito na universidade e ele sai diferente... aprendizagem não se dá penas na apresentação dos conteúdos do professor... está relacionada ao relacionamento do professor e do aluno... você tem que mostrar caminhos para os alunos...”. (Professor E)

Interrogamos o que era pra cada um o professor universitário, a maioria não via diferença do professor universitário dos demais níveis de ensino, apontando que todos exerce uma função social responsável por fazer apontamento para construção de um sujeito que faz parte de uma sociedade.

“ele é em primeiro lugar o professor... a função social basicamente é a mesma... acontece que aqui nesse nível em termos de responsabilidade pra com o aluno ela fica um pouco menor”. (Professor A)

“é o individuo que tenta indicar caminhos... os primeiros passos pra pesquisa”. (Professor B)

“acho que o professor é professor... não é só a ideia do mediador. É um sujeito que participa do processo na medida em que ajuda os alunos a construir questões para si”. (Professor C)

“ele tem que estar envolvido... estamos vendo uma burocratização da universidade e dos fazeres universitário e do professor... produzir em grande quantidade, uma quantidade enorme para contar pontinhos. Eu evidentemente acho que isso não é o professor universitário, esse é o burocrata, eu não gostaria de chamar de professor universitário”. (Professor D)

“Ser professor universitário é um privilegio... a atividade da docência pra mim é o que me move, é o que me incentiva, me estimula é o que eu realmente amo fazer.” (Professor E).

A respeito dos principais dilemas e desafios que enfrentam, as respostas foram diversificadas e abordaram aspectos de distintas dimensões da profissão docente. Os principais desafios e dilemas apontados:

- Responsabilidade de fazer sempre o melhor;
- Fazer com que os alunos enxerguem o processo educativo como forma de superação das dificuldades;
- Fazer que o aluno enxergue o curso como construção coletiva;
- O produtivismo;
- A questão da universidade excludente e elitista;
- A fragmentação do ensino de Geografia;
- Ser útil, fazendo a diferença na vida dos alunos, e pra sociedade que faz parte;
- Como ministro do tempo;
- Conflitos pessoais;
- Falta de valorização da licenciatura;
- Burocratização;
- Encontrar textos, maneiras dos alunos entenderem o problema;
- Possibilitar que o aluno aprenda a pensar;
- Alunos que não querem aprender;
- O baixo nível intelectual e compromisso com quais os alunos ingressam na universidade;
- Dicotomia entre os dois departamentos.

Além de pedirmos os apontamentos desses desafios e dilemas, também pedimos que os docentes dissessem se de alguma forma buscavam maneiras de sanarem ou amenizarem os problemas que lidam cotidianamente. E as principais respostas foram:

- Responsabilidade com o que faz;
- Prazer;
- Com muito trabalho;
- Acreditando no que faz;
- Poder contribuir para mudar as pessoas pra melhor;

- Fazer sempre o melhor possível;

Quando questionados sobre a questão do ensino da pesquisa e da extensão todos apontaram para a indissociabilidade, e a necessidade de pensá-los como base para a universidade. Eles afirmaram que o ensino se dá com base em uma pesquisa que norteiam o seu trabalho e a extensão se dá a partir da leitura da sociedade e seu contexto para por em a teoria pesquisada e discutida em sala de aula.

“Tenho tentado trabalhar tudo junto... a gente tenta aliar todas essas coisas”. (Professor A).

“elas são articuladas naturalmente... desde que você consiga passar nela um pouco do que é a sociedade, e como que é que essa sociedade está organizada, aí ela vai se inserindo nesse contexto...”. (Professor B).

“... procurar pensar o ensino pesquisa e extensão como se fosse uma coisa articulada, eu acho que é uma forma de tentar superar os desafios que a gente tem na construção do conhecimento.” (Professor D).

Todos os professores entrevistados relataram experiências com a extensão universitária alguns com maiores intensidades e outros menores experiências. Eles afirmaram que o ensino se dá com base em uma pesquisa que norteiam o seu trabalho e a extensão se dá a partir da leitura da sociedade e seu contexto para por em prática a teoria pesquisada e discutida em sala de aula.

Uma das questões que nos despertou muito interesse foi a relacionada ao projeto político pedagógico do curso, como tratado em capítulos anteriores encontra-se em processo de reestruturação, necessitando de uma releitura por parte de todos os envolvidos. Questionamos se seus planejamentos estão baseados no projeto político pedagógico do curso. As respostas apresentaram variações, muitos disseram que não o conhece por ser uma burocracia ao por não o ter encontrado, outro apontou suas principais falhas e necessidade de estudá-lo para uma reforma coerente com as demandas atuais da universidade e do curso, outros apontam como eficiente e precisa somente de pequenos ajustes para se adaptar ao atual contexto universitário.

“eu li, mas não fico preocupada com isso. Eu acho que isso é uma burocracia... acho que ensino é outra coisa... não acho que a gente tem que

permanecer estático, as mudanças são necessárias, mas a gente tem que prestar atenção onde está o dialogo...” (Professor A)

“o nosso projeto político pedagógico embora na forma da apresentação não tem uma aparência boa ele é excelente, ele é ótimo, a gente tem que fazer uma revisão, uma análise, fazer alguns ajustes, algumas adaptações... ele é um norteador... penso minha atuação profissional nesse norte”.(Professor E)

“a gente não acha o projeto político pedagógico do curso, eu não sei com quem está... precisamos colocar num cartaz dizendo assim: procura-se, ou alguma coisa assim... na verdade eu sinto que temos um amontoado de disciplinas que garantem um currículo mínimo... nós não temos um PPP que é uma coisa completamente diferente, não tem interação, não tem capacidade de entender o aluno que vem, não tem capacidade de entender que sociedade que vai, esses vínculos... a gente tem uma cultura de construção de um projeto de ensino na Geografia, acho que é esse o problema central”. (Professor B)

“não conheço o PPP, então minhas aulas e disciplinas não têm nada haver com o PPP”. (Professor C)

“ele é um pouco estranho... faltou discutir um pouco melhor as concepções do PPP para depois construir... é tempo de corrigir”. (Professor D)

Em relação ao planejamento estar baseados no projeto político pedagógico do curso, muitos disseram que não o conhece por ser uma burocracia ao por não encontrar, outro apontou suas principais falhas e necessidade de estudá-lo para uma reforma coerente com as demandas atuais da universidade e do curso, outro apontou como eficiente e precisa somente de pequenos ajustes para se adaptar ao atual contexto.

Encerramos a entrevista pedindo que os professores expressassem o que lhes diriam para alunos que pretendem ingressarem na carreira docente e todos ressaltaram novamente a necessidade de gostar do que faz.

“é gratificante... cada um tem uma historia é difícil falar pelas pessoas.” (Professor A).

“você tem que gostar, se você não gostar não adianta você ir... não adianta ser professor se não sentir prazer naquilo que eu faço.” (Professor C).

“a docência é um serviço público, ou seja, eu encaro a educação como uma dimensão pública, e ela não deveria nunca ser transformada numa mercadoria... quando aluno busca a docência ele tem que ter clareza de que o conhecimento não é uma coisa dada é uma coisa que tem que ser construída cotidianamente, é uma tarefa que não tem fim.” (professor B)

“goste do que faz, se gosta do que faz, faz bem feito... se você gosta vai fazer direito, vai procurar as respostas dos dilemas, você vai viver.” (Professor D)

“tem que gostar, porque o professor tem uma imensa responsabilidade de formar as pessoas então eu vejo dessa forma.” (Professor E).

Tentamos expor nesse capítulo um pouco dos principais relatos dos entrevistados, no capítulo seguinte, procuraremos fazer uma análise crítica do que ouvimos com os estudos nos campos da pedagogia universitária pra buscar alguns apontamentos.



## **5 REFLEXÕES TEÓRICAS E O OLHAR DOS PROFESSORES ACERCA DO TRABALHO DOCENTE**

Como apontado diversas vezes o papel do professor universitário é de suma importância na formação dos futuros profissionais, ou seja, o professor faz parte do processo ensino e aprendizagem. A universidade vem sofrendo mudanças perceptíveis diante do neoliberalismo, ela transformou sua responsabilidade social em uma máquina de produção. Essas transformações têm rompido com a ação reflexiva acerca do que é ser um professor, afetando os fazeres docentes que têm transformado o espaço da universidade em um campo burocrático onde se acirra a competição e o isolamento acadêmico.

Na atual conjuntura social nos apresenta um espaço universitário que reflete a economia de mercado, o produtivismo tem sido posto como ponto de partida para medir a qualidade da universidade, ou seja, quanto mais se produz mais qualifica a instituição, esse fato fora apontado com veemência pela grande maioria dos professores como uma ação prejudicial e como um problema para a universidade.

A produção massificada tem retirado a ação crítica e reflexiva pautando na ideia da universidade baseada na eficiência, eficácia e produtividade, a maioria aponta esse dilema como uma situação agravante que interfere em suas ações, convivem com desafio de produzir com qualidade ou atender as exigências que lhe são feitas. Torna-se difícil questionar, pois percebem que grande parte dos companheiros adaptaram-se ao sistema imposto perdendo forças para se oporem. Além de sofrer com o destino cada vez menos reflexivo que tem tomado conta da universidade.

Essa postura produtivista apontada pelos docentes é questionada por diversos autores que demonstram sua ação devastadora diante da autonomia do saber. Ela submete o conhecimento acadêmico a uma lógica externa que atende apenas uma parcela da sociedade. A universidade passa a basear o ensino a pesquisa e a extensão de acordo com a proposta colocada pelo mercado, onde o conhecimento científico transforma-se em uma mercadoria, um produto onde sua função escapa do controle e perde sua autonomia. Além de produzir um ensino elitista e excludente cada vez mais intenso.

Diante deste contexto foi apontado o desafio da utilidade, pra quê serve o conhecimento que está sendo desenvolvido na universidade pra onde vai e qual a sua importância. Os docentes apontaram para a crise de valores que vivenciam no dia a dia da profissão a qualidade está cada vez mais em decadência, e envolvem todos os sujeitos que compõem a universidade.

O desafio de fazer com que os alunos que ingressam na universidade, com cada vez mais com o mínimo de conhecimento, perceber o quanto a sua formação afetará de forma positiva ou negativa a sociedade da qual ele faz parte. Temos então outro dilema a universidade em prol da produção que ignora os sujeitos, a realidade que estão inseridos, de que sociedade pertencem, quais habilidades apresentam, objetivos e conhecimentos que possuem, caindo na tendência da generalização que tem trazido prejuízo.

A incerteza de estar sendo útil pra pessoas e pra sociedade em que vivem pode ser um ponto de partida para a reflexão da prática docente.

Além dos problemas gerais da crise da universidade, percebemos também uma preocupação com os problemas estruturais do curso, como a valorização de algumas disciplinas (geralmente as relacionadas ao bacharel) em relação às outras (exemplo as disciplinas de práticas de ensino e estágio). A falta de uma construção coletiva, como apontado por um dos docentes que descreve o individualismo muito forte, onde até mesmo dois departamentos dentro do curso que não se interligam, por questões ideológicas, fatos que prejudicam drasticamente o ensino de Geografia.

A falta de reflexão sobre a qualidade da docência tem sido generalizada, afirmação apontada pelos docentes como grande contribuinte para o declínio cada vez maior da autonomia no espaço universitário. Não há mais discussões, as reuniões pautam-se em questão de ordem burocráticas poucos questionamentos se voltam para o atual contexto da universidade enquanto isso a função docente e o espaço universitário vêm sendo cada vez mais sucateados.

Os problemas do contexto atual da universidade e os específicos do curso têm gerado dilemas e desafios de grande magnitude para os docentes. Como supera-los diante de uma realidade onde o foco desvincula da formação para a produção, não há mais um objetivo comum que atenda os diversos sujeitos, mas sim

uma regulação burocrata generalista que padroniza os conceitos bane a criatividade, o individuo, transformando o trabalho do professor em transmissor de informação sujeito a uma lógica onde o seu produto final terá uma relevância discrepante em relação todo o seu processo, além de trazer a desigualdade do tripé ensino pesquisa ensino e extensão e obriga o professor a optar pelo que gera um produto mais adequado ao sistema e não uma discussão coerente com sua prática e aquilo que ele acredita, pois corre o risco de ser ignorado. Superar esses desafios é apontado como o ato de remar contra a maré e solitariamente, pois a grande maioria perde suas forças e autonomia e se deixam levar pelo modelo imposto pelo neoliberalismo.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Durante todo o período que estivemos a realizar essa pesquisa ficamos nos questionando sobre as consequências desse sistema implantado pela nova conjuntura social e econômica focado em atender as exigências do capitalismo que atingem intensamente o espaço da universidade e assim diretamente o trabalho docente, criando novos desafios e dilemas a cada dia.

A profissão docente sempre foi uma atividade complexa e cheia de obstáculo a ser ultrapassado, diante das perspectivas atuais do ensino no Brasil é necessário buscar maneiras de pensar como sair dessa crise que enfrentamos no ensino superior. Temos um rol de desafios que necessitam ser discutidos, principalmente quando nos referimos à complexidade com o a qual lidamos cotidianamente no processo de ensino e aprendizagem. Faz se necessário buscar por um pensamento transformador que objetive a construção de um conhecimento que seja efetivamente significativo.

Assim, desde o início buscamos refletir constantemente os processos que se dão dentro do ambiente universitário. Porém quando pensamos na prática cotidiana dos professores na sala de aula é bem mais complexa e exige muito mais do que discursos demagogos, assim, pensar em uma prática que possa dar respaldo ao trabalho docente é algo de difícil realização.

Essa pesquisa nos deu a chance de perceber o contexto universitário com um olhar possibilitador de mudanças, porém temos que firmar nossa postura diante daquilo que acreditamos. Temos que nos questionarmos o que é conhecimento qual é o papel da universidade, do professor frente ao processo de formação dos alunos, refletir sobre a nossa própria formação e sobre a nossa capacidade teórica e metodológica para encarar o ensino, e até que ponto teremos firmeza para construir um processo de ensino e aprendizagem que se diferencie do contexto atual e supere os desafios que hoje permeiam a docência .

Os problemas apontados perpassam a questão da falta de investimento e da relutância em se investir na qualidade do ensino. A universidade não é o ambiente somente da reprodução, nela encontramos possibilidades da produção do novo e com resultados bastante positivos. Claro que isso não se alcança do dia para a noite

e nem de forma fácil, mas sim através de muito esforço e dispêndio de tempo e de vontade. Ainda acreditamos que é através da docência que podemos pensar em uma sociedade mais justa, igualitária, democrática, menos individualista, que tenha uma autonomia de pensamento e uma formação crítica diante da realidade. A formação para a docência requer que nos deparemos com a realidade e procuremos sempre nos questionar se o que está posto está correto e se poderia ser diferente. Assim podemos repensar a nossa prática e também buscar uma maior qualidade àquilo que ensinamos e como ensinamos.

A geografia é uma ciência que nos possibilita uma formação bastante abrangente e que dessa forma nos proporciona um papel privilegiado no pensamento das mazelas de nossa sociedade dentro de uma perspectiva espacial. Nesse sentido quando optamos por um método estamos fazendo aí uma escolha política que vai marcar a nossa prática, ou seja, podemos ser os professores que colaboram e fomentam o que está posto, assim como podemos ser os professores que procurarão fazer diferente e que estruturaremos nossa prática no sentido de uma formação crítica e transformadora da realidade. Dessa forma pensamos que a Geografia em suas mais variadas dimensões de análise pode ser uma ciência que venha a fomentar muitas discussões e uma visão anti-hegemônica de mundo. A geografia também possui um caráter muito peculiar que é a possibilidade de um trabalho mais interdisciplinar podendo ser o ponto de partida para uma formação mais significativa e mais completa ao procurar interligar as diversas dimensões de um dado fenômeno.

Portanto o ensino de Geografia que defendemos se pauta em uma abordagem mais crítica da realidade sempre almejando uma transformação da visão de mundo buscando fomentar a participação política com vistas à transformação da realidade. Portanto o que vamos ensinar tem que passar por uma grande pesquisa crítica para que não estejamos conformando a um discurso que dissemine ainda mais as mazelas de nossa sociedade e a ideia de que não há mais solução e conformamos com a o descaso que predomina.

. Diante de todos os dilemas e desafios apresentados, buscamos questionar atitudes que poderiam de certa maneira amenizar e se encaminhar para que o trabalho docente flua com qualidade e atinja o objetivo central que é a formação. Segundo Ferreira 2010 todo o processo de ensino tem início com um processo reflexivo. Assim podemos afirmar o quanto essa ação é importante para o exercício da docência e questionar se ela efetivamente tem sido realizada como parte do cotidiano da profissão.

É fato que o docente que não questiona, analisa e quando necessário se modifica, caia no isolamento e na alienação ficando sem argumentos e autonomia para discutir combater e buscar novos paradigmas que melhore a realidade do espaço universitário, ficando sujeito à burocratização da universidade.

O docente que busca refletir tem uma maior clareza da sua responsabilidade social, procura meios de construir um conhecimento mais eficaz no ensino, na pesquisa, e na extensão. Não se apoia na ideia de que saber fazer é saber ensinar, mas busca novas metodologias, e novos saberes. Busca os saberes pedagógicos, pois tem essa reflexão que os saberes da docência e o rol de habilidades para exercer a função estão intrinsecamente ligados á qualidade do ensino.

A formação continuada é indispensável já que os saberes docentes são plurais, e eles vão se constituindo ao longo do exercício da carreira. O professor precisa atualizar-se constantemente, pois a sociedade e o espaço estão em constantes transformações. A experiência, a relação dentro da sala de aula, os saberes específicos são exemplos de alguns saberes docente já discutido anteriormente.

O desafio é saber pautar-se para enfrentar o cotidiano universitário, buscar uma renovação do que é ensinar e aprender, entender a necessidade de confrontar a teoria e a, e combater a realidade que hoje permeia a universidade e vem prejudicando a atuação de qualidade do professor universitário, que compromete a formação dos estudantes.

Diante os objetivos que pretendíamos, pudemos identificar varias características da conjuntura neoliberal que são postas como desafios e dilemas pelos docentes, porém não deixamos de perceber certa acomodação que afeta uma grande parcela do corpo docente, muitos estão sendo absorvidos pela

burocratização do ensino e pelo produtivismo exacerbado. A corrida pela produção insere preocupações onde a docente precisa está em constantes questionamentos quanto sua prática, superar limites, ministrar o tempo, fazer escolhas. Tudo isso tem gerado uma angustia.

São apresentados, também pontos nevrálgicos quanto às possíveis contribuições que eles podem vir a dar nos processos de aprendizagem dos alunos provocando reflexões, acerca do próprio trabalho desenvolvido. Na mesma direção os desafios e dilemas rementem a desvalorização da docência comparada à pesquisa e até mesmo a extensão como se institucionalmente a docência fosse atividade profissional de menor importância na carreira.

Consideramos a necessidade da qualidade de formação do professor universitário, além de políticas para a formação continuada nesse espaço. É necessário, buscarmos reflexões e encaminhamentos institucionais que valorizem, de fato, a docência e a desburocratização do trabalho docente no sentido de garantir maior tempo para a qualificação do trabalho pedagógico na elaboração e ação profissionais correlatas a pesquisa e a extensão e não mais como atividades isoladas e descontextualizadas indo, dessa forma, contra a ideia de mercantilização do ensino superior que tem contribuído para a constituição de um ensino volátil e de baixa qualidade, onde a reflexão e o olhar crítico tornam-se cada vez mais escassos.

Gradativamente a qualidade define-se em detrimento a uma visão única imposta pelo neoliberalismo. A corrida pela produção insere preocupações onde a docente precisa está em constantes questionamentos quanto sua prática, superar limites, ministrar o tempo fazer escolhas, ter de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, têm gerado para o docente uma angustia e questionamentos sobre a sua função, ou seja, será que ser um professor universitário está contextualizado nesses aspectos, ou necessita de uma mudança?

## 7. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. A. R.; ANDRADE, Maria de Fátima Ramos de. A organização do ensino numa perspectiva interdisciplinar: possibilidades e encaminhamentos. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROFISSIONAIS DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR, 5., 2005, Piracicaba-SP. **Anais...2005**.

CUNHA, M. I. Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no Ensino Superior: docência e formação. **Revista de Educação (Lisboa)**, Porto Alegre, v. 3, n.54, p. 525-536, 2004.

CUNHA, M. I. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n.32, p. 258-271, 2006.

CUNHA, M. I. . Inovações pedagógicas: O desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária. In: PIMENTA, Selma; ALMEIDA, Maria Isabel de. (Org.). **Pedagogia Universitária**. São Paulo: EDUSP, 2009, v. 1, p. 211-236.

CUNHA, M. I; AZEVEDO, M. A. R.. **Quando ensino e quando aprendo? O desafio da docência para os formadores de professores no âmbito da pós-graduação**. Estudo decorrente da pesquisa “os saberes da docência e da pesquisa na formação dos futuros professores universitários” desenvolvida como parte do estágio pós doutorado da autora PPG Educação da Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS) Porto Alegre: [s.n, 2010?].

CUNHA, M. I; AZEVEDO, M. A. R.. **Qualidade do ensino e a formação para a pesquisa: implicações institucionais na preparação para a docência**. Porto Alegre: Edipuc, 2011.

CHAUI, M. S.. A universidade publica sob uma nova perspectiva. **Revista Brasileira de educação** Set/Out/Nov/Dez 2003 n.º 24 Disponível In <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>. Acesso em:30 maio 2010.



DIAS, H.N.; ANDRÉ, M.. A Incorporação dos Saberes Docentes na Formação de Professores. **Revista Brasileira de Formação de Professores**, v. 1, n. 3, p.76-89, Dezembro/2009.

FERREIRA, V. S.. As especificidades da docência no ensino superior. **Revista Diálogo Educacional**, v. 10, p. 85-99, 2010.

PANCHANE, G. G. Teoria e prática na formação pedagógica do professor universitário: elementos para discussão. **Publicatio UEPG**, Ponta Grossa, v. 13, n.1, p. 13-24, 2005.

PIMENTA, S. G.(org.) **Saberes Pedagógicos e atividades docentes**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez 2002.

SILVA, V. M. L.; AZEVEDO, M. A. R.. A importância da criatividade no fazer pedagógico. In: SIMPÓSIO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO,7., 2003, Santa Maria. **Anais...** CD ROM, 2003.

VEIGA, I. P. A. Inovações e Projeto Politico-Pedagógico: Uma Relação Regulatória ou Emancipatória? **Caderno Cedes**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dezembro 2003.Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em:30 maio 2010.



